

# MUDANÇAS NO SETOR PRODUTIVO FACE À GLOBALIZAÇÃO

Ilson Fernandes Sanches\*

## RESUMO

*A análise da economia mundial exige atenção especial às mudanças que vêm ocorrendo nestes últimos anos. Novas tendências se fortaleceram e surgiram. Dentre elas as mais importantes foram a liberalização da economia e o processo de globalização. É dada seqüência ao pensamento de Peter Drucker sobre essas questões, analisando os efeitos estruturais sobre o Brasil e particularizando o estado de Mato Grosso, vez que os novos fatos exigem mudanças comportamentais da sociedade e sobretudo dos agentes empresariais. Propõe mudanças de atitude e acrescenta novos elementos à análise de Drucker.*

A análise da economia mundial exige atenção especial às mudanças que vêm ocorrendo nestes últimos anos. Novas tendências se fortaleceram e surgiram. Dentre elas as mais importantes foram a liberalização da economia e o processo da globalização.

Estes efeitos são decorrentes de mudanças estruturais que vinham a-madurecendo desde algum tempo, não surgiram repentinamente e são resultados de um processo histórico que conduziu o comportamento das nações para esta nova configuração.

Para os países em desenvolvimento como o Brasil, tais mudanças estruturais atingiram todos os setores da economia e implicam ainda em profundas mudanças comportamentais, principalmente do setor produtivo.

Alguns pontos onde tais mudanças alteraram o "status quo" podem ser identificados, como por exemplo:

- 1- a economia do setor primário vem deixando de estar diretamente associada e até mesmo dependente do setor secundário;
- 2- a produção industrial está muito mais ligada à produtividade e à velocidade das transformações tecnológicas do que à geração de empregos;
- 3- a mobilização de capital e transferência de tecnologia transformaram-se nos principais instrumentos impulsionadores da economia mundial, muito mais do que o comércio de bens, e;
- 4- a competitividade entre as nações passou a ser função do desempenho das atividades empresariais do que propriamente da potencialidade existentes e exploradas de matérias primas.<sup>1</sup>

\* Diretor do Centro de Ciências Sociais e Aplicadas - C.C.S.A. - UNIC.

<sup>1</sup> DRUCKER, Peter F. As mudanças na economia mundial. *Política Externa*, v.1, n.3, dez. 1992.

## Diversidade entre setores

### Os fatos

Os dados nos informam que o crescimento da agricultura nos últimos cinquenta anos significou a história bem sucedida do incremento da produção.

Só no Brasil, em 1975, cultivamos 29,0 milhões de hectares para produzir 38,0 milhões de toneladas de grãos. Em 1994, com os mesmos 29,0 milhões de hectares de área plantada, a produção mais do que dobrou ao se atingir a safra recorde de 82,0 milhões de toneladas.

Nos EUA, a produção agrícola triplicou nos últimos 65 anos, enquanto a área plantada é hoje 5% menor que a de 1930. O aumento da produtividade na agricultura demonstrou que a tecnologia permite um melhor aproveitamento dos recursos naturais e em quantidade menor da que vinha sendo utilizada para uma produção igual ou maior.

A população mundial dobrou entre 1950 e 1988, mas a oferta de alimentos acompanhou o ritmo da demanda. Os cientistas criaram variedades de cereais com maior rendimento.

Na Ásia, a produtividade do trigo quintuplicou entre 1961 e 1991. A produção foi estimada por melhores técnicas agrícolas, mais irrigação e fertilizantes químicos.

Apesar de algumas oscilações durante os anos 70, os preços dos alimentos permanecem em queda contínua.

É claro que há inúmeros desafios. A cada ano, a população dos países em desenvolvimento aumenta em torno de 90 milhões - um México. De acordo com estimativas da ONU - Organização das Nações Unidas - a população mundial deve exceder 8 bilhões de pessoas em 2020, 45% a mais do que a população atual. A demanda por alimentos crescerá ainda mais rapidamente: quando as pessoas se libertam da pobreza, comem mais.

Um relatório que está sendo divulgado, da Organização das Nações Unidas para Alimentos e Agricultura (FAO) informa que Lester Brown, presidente do Worldwatch Institute, entidade ambiental com sede em Washington, calculou incorretamente a capacidade produtiva da China. Em Washington, o Instituto Internacional de Pesquisa de Políticas Alimentares defende maiores investimentos em pesquisas agrícolas, mas não vê reduções imediatas na oferta de alimentos. "Nossas estimativas mostram que o mundo é perfeitamente capaz de alimentar 1 bilhão de pessoas por cem anos, contados desde agora", diz Per Pinstrup-Andersen, diretor-geral do instituto.

Recentemente, os cientistas conceberam culturas adequadas aos solos ácidos do imenso cerrado latino-americano, planície anteriormente infértil, que cobre 200 milhões de hectares. A biotecnologia ainda pode revolucionar a agricultura em todo o mundo.

No caso brasileiro, isto significa uma redução de área desmatada para a produção de matérias-primas, o que pode diminuir as possibilidades de conflito com o meio ambiente.

Por outro lado, esse crescimento na oferta de produtos primários tem levado à queda dos preços dos produtos. Essa queda teve início em 1977 e continuou interrompida apenas uma vez, após 1979, por um surto especulativo que durou seis meses.

No início de 1986, os preços das matérias-primas estavam em seus níveis mais baixos da história documentada em relação aos preços dos bens manufaturados e dos serviços.

Essa queda dos preços e a diminuição do ritmo de demanda estão em chocante

contraste com o que se previra.

Há alguns anos, o Clube de Roma declarou que havia uma tendência de escassez de todas as matérias-primas, com um pique de escassez em 1985.

Em 1980, um relatório no Governo Carter concluiu que a demanda mundial de alimentos cresceria firmemente por, pelo menos, vinte anos, com a produção mundial decrescendo, exceto nos países desenvolvidos; e que os preços reais dos alimentos duplicariam. Isto ajuda a explicar porque os agricultores norte-americanos compraram grande parte das terras cultiváveis disponíveis, tomando deste modo sobre si os encargos da dívida que hoje tanto os ameaça.

Contrariando todas essas expectativas, a produção agrícola mundial cresceu desde 1970, duas vezes mais rápido que a população e aumentou mais rapidamente nos países menos desenvolvidos. Analogamente, a produção de praticamente todos os produtos florestais, os metais e os minerais subiu entre 20% e 35% nos últimos dez anos, também neste caso com os maiores aumentos nos países menos desenvolvidos. Não há a menor razão para crer que as taxas de crescimento da produção irão reduzir-se, apesar da queda dos preços das mercadorias.<sup>2</sup>

Ainda mais espantoso do que o contraste entre aquelas predições e o que ocorreu é que o desmoronamento da economia de matérias-primas parece não ter tido quase nenhum impacto sobre a economia industrial mundial.

A teoria dos ciclos econômicos prediz que uma queda pronunciada e prolongada dos preços de matérias-primas produz inevitavelmente, e no período de dezoito a trinta meses, uma depressão de âmbito mundial na economia industrial.

No entanto, sabe-se que a economia industrial no mundo não está em depressão. Porém, por quase dez anos, o mundo industrial tem funcionado como se não houvesse qualquer tipo de crise de matéria-prima.

Deste modo, podemos concluir com os fatos que a economia da matéria-prima deixou de estar conectada à economia industrial.

Esta é uma mudança estrutural de grande importância na economia mundial, com implicações para a política econômica e social bem como para a Teoria Econômica, tanto para os países desenvolvidos quanto para os subdesenvolvidos. Para estes, o cuidado nas decisões políticas deve ser redobrado e cientificamente discutido, sobretudo no âmbito das Universidades e Instituições de Pesquisa.

Podemos afirmar que, se os preços das matérias-primas em relação aos preços de bens manufaturados tivessem se mantido nos níveis de 1973, ou até de 1979, não haveria crise para a maioria dos países devedores, especialmente na América Latina. Isto prejudicou as economias emergentes.

## As razões da mudança

A demanda por alimento, de fato, cresceu, mas a oferta cresceu muito mais depressa, e não apenas se manteve no mesmo ritmo do crescimento populacional como o ultrapassou.

<sup>2</sup> KENNEDY, Paul. Preparando para o século XXI. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

Houve, perante o medo da fome, um grande esforço na produção de alimentos e também na biotecnologia. Os EUA lideram esse movimento com uma política agrícola de subsídios, a CEE teve êxito maior ainda. E os maiores aumentos verificaram-se na Índia, na China e nos países produtores de arroz do Sudoeste da Ásia. Há também uma enorme redução de desperdício. A Índia é um exemplo, visto que reduziu de 50% para 20% os desperdícios, utilizando inovações simples, que requereram bom senso e um pouco de responsabilidade com inteligência, o que muitas economias ainda estão por adquirir.

De todos os países não comunistas mais importantes, apenas o Japão continuou um grande importador de alimentos, adquirindo no exterior cerca de um terço dos alimentos que precisa.

Os países como a ex-União Soviética não demandaram o suficiente para pressionar para cima os preços mundiais.

O montante de matéria-prima necessária para uma unidade de produção industrial não passa, hoje em dia, de dois quintos do que era em 1900. E esse declínio está em aceleração. A experiência japonesa é particularmente chocante. Em 1984, para cada unidade da produção industrial, o Japão consumia apenas 60% das matérias-primas consumidas para o mesmo volume de produção industrial em 1973, onze anos antes.

### Por que esse declínio da demanda?

A produção industrial está continuamente se afastando dos produtos e processos fortemente intensivos em material. Uma das razões para isto são as novas indústrias de alta tecnologia, deixando-nos ver claramente que estamos penetrando na era da inteligência em que a informação é outro fator de produção que deve estar agregado aos demais, já sobejamente conhecidos.

As matérias primas em um *microchip* semicondutor respondem por entre 1% e 3% do custo total de produção; em um automóvel, sua participação é de 40% e, em painéis e frigideiras, 60%. Entre 25 e 50 kg de cabo de fibra de vidro há transmissão de tantas mensagens telefônicas quanto uma tonelada de fio de cobre e requer menos de 5% energia para sua produção, em comparação ao mesmo peso de fio do cobre. Os plásticos, que cada vez mais substituem o aço na carroceria dos automóveis, representam um custo de matérias-primas, inclusive de energia, de menos da metade da do aço. E o consumo do aço também tende a diminuir pela crescente utilização de outros produtos substitutos além do plástico, o alumínio e a fibra de coco.

Assim, é bastante improvável que os preços das matérias-primas venham a subir consideravelmente em comparação aos custos dos bens manufaturados (ou dos serviços de alta ciência, tais como a informação, a educação ou a saúde), a não ser no caso de uma grande guerra prolongada. As economias do Terceiro Mundo devem rever as suas prioridades e a valorização do conhecimento é o fator de solução, no curto e no médio prazos para superar estas premonições negativas.

## Produção industrial dissociada do emprego industrial

### O emprego e a industrialização

O crescimento da produção manufatureira nos países desenvolvidos tem realmente significado decréscimo do emprego de pessoal de produção. Em consequência, os custos de mão-de-obra estão se tornando menos importantes como custo comparativo e como fator de competição.

Os países não podem mais basear seu desenvolvimento econômico nos baixos custos de mão de obra, e isto, com maior razão, vale para as economias regionais, cujo resgate deve ser prioritário.

Fala - se em "desindustrialização" nos Estados Unidos. Os dados de fato indicam que a produção manufatureira tem subido continuamente em volume absoluto e se mantido inalterada como valor relativo.

Como nunca, os EUA estão importando muito bens manufaturados do Japão e da Alemanha. Mas, também estão exportando mais. A participação das exportações de manufaturas norte-americanas nas exportações mundiais foi de 17% em 1978, em 1985 subiu 20%. Não é a economia americana que está sendo "desindustrializada", mas, sim, a força de trabalho norte-americana. Nos últimos doze anos, o emprego total nos EUA cresceu mais rapidamente do que em qualquer tempo, de 1982 para 110 milhões entre 1973 e 1985, mas foi por conta de empregos não-industriais, o que pode parecer uma incongruência.

Essa tendência não é nova. Na década de 20, um em cada três norte-americanos da força de trabalho era operário produtivo na indústria. Na década de 50, essa cifra era de um cada quatro, baixou agora para um em cada seis e continua caindo. E, não há previsão de inversão desse quadro mesmo com o aumento da produção industrial.

No caso brasileiro, a CNI demonstra uma tendência de crescimento da produtividade industrial com queda no volume de emprego. Essa tendência é a mesma em todos os países desenvolvidos e é, na verdade, mais acentuada no Japão.

Se uma empresa, um ramo industrial ou um país, durante o próximo quarto de século, não aumentar drasticamente a produção industrial e ao mesmo tempo, não reduzir a força de trabalho produtivo, pode perder a esperança de manter sua capacidade competitiva. Entrará em decadência rapidamente.

Um exemplo é a Grã - Bretanha que vem caindo industrialmente nos últimos 25 anos, em grande parte pelo fato de que o número de operários produtivos por unidades de produção industrial caiu mais lentamente do que em todos os demais países desenvolvidos não - comunistas. Ainda assim, a Grã Bretanha tem a taxa de desemprego mais alta entre os países desenvolvidos não-comunista, mais de 13%.

O exemplo britânico sugere uma nova e crítica equação econômica.

Um país, um ramo industrial ou uma empresa que coloque a preservação dos empregados industriais produtivos na frente da competitividade internacional, brevemente não terá nem produção, nem emprego. Este também deve ser o direcionamento dos países da América Latina, e principalmente dos que participam do Mercosul - Mercado Comum do Sul - para terem força de competir por blocos.

Até aqui, este conceito tem alcançado aceitação nacional ampla apenas no Japão. De fato, planejadores japoneses, quer no governo, quer em empresas privadas, partem do pressuposto de uma duplicação nos próximos quinze ou vinte anos, com base numa redução do emprego produtivo de 25% a 40%. Empresas como a IBM, General Electric e as grandes empresas automobilísticas possuem previsões semelhantes.

Está implícita aí a conclusão de que um país terá menos desemprego global quanto mais depressa reduzir o emprego produtivo na indústria.

Complementarmente a este raciocínio, há uma tendência muito forte de substituição do trabalho manual pela ciência e pelo capital.

Onde, há algumas décadas se falava em mecanização, fala-se hoje em "informatização", "robotização" e "automação industrial".

Uma outra tendência é o deslocamento de atividades que eram primordialmente intensivas em mão-de-obra para atividades que, desde o início, são intensivas em ciência.

Os custos de fabricação do microchip semicondutor são cerca de 70% de ciência (pesquisa, desenvolvimento e testes) e não mais do que 12% de mão de obra. Medicamentos são 15% de mão-de-obra e quase 50% de ciência. Numa fábrica de automóveis mais completamente robotizada, a mão-de-obra ainda é responsável por 20% a 25% dos custos.

### A dinâmica do tamanho

Desconcertante na atividade industrial é a revisão da dinâmica do tamanho. No início deste século, os países desenvolvidos direcionavam-se para fábricas cada vez maiores. As economias de escala favoreciam-nas, bem como as chamadas "economias de gerência". As técnicas modernas e inovadoras eram dirigidas às empresas de grande porte.

Esta tendência inverteu-se drasticamente nos últimos quinze ou vinte anos. Toda redução de empregos industriais nos EUA ocorreu em grandes empresas, a começar pelas gigantes siderúrgicas e automobilísticas. As fábricas de pequeno e especialmente de médio porte mantiveram o número de seus empregados ou até mesmo o aumentaram.

Também em relação à posição no mercado, às exportações e à lucratividade, as pequenas e médias empresas tiveram resultados superiores aos das grandes empresas.

A inversão da dinâmica do tamanho ocorre nos demais países desenvolvidos, até mesmo no Japão, onde ser maior era sempre ser o melhor. Há uma forte tendência de se aproveitar tamanho reduzido pela diminuição dos custos e facilidade de penetração de mercados, comunicação, relação mercado-consumidor.

Nos EUA, assim como no Japão e na Alemanha Ocidental, o dinamismo da economia fez com que houvesse deslocamento das empresas de grande porte para companhias menores, administradas profissionalmente e amplamente financiadas pelo público consumidor.

Estes reflexos talvez venham a se acentuar no Brasil, pós-Plano Real, pois que as empresas estão buscando fórmulas mais econômicas e racionais de sobreviver diante das adversidades atuais. Se mencionarmos o Estado de Mato Grosso, haveremos de concluir que não difere do resto do país e que uma nova mentalidade está se configurando. A busca de melhores performances de competitividade está diretamente ligada à economicidade do processo produtivo e dos ganhos crescentes de nichos de mercado.

## Novos tipos de indústrias

Este novo desenvolvimento industrial fez surgir novas espécies de indústrias:

- 1- uma categoria com base física e;
- 2- outra categoria com base na informação e na ciência (estas, crescendo com muito maior velocidade do que as com base física).

Estes dois grupos diferem por suas características econômicas e fundamentalmente por sua posição na economia internacional. Os produtos das indústrias com base física têm que ser exportados ou importados, especificamente, como produtos.

Os produtos das indústrias com base na informação podem ser exportados ou importados, tanto como produtos quanto como serviços, os quais podem não estar registrados de maneira precisa na balança comercial.

Um exemplo, é a venda de direitos cujo produto é confeccionado no exterior. Analogamente, as mais lucrativas exportações podem realmente aparecer nas estatísticas de comércio exterior como importações. Trata-se da taxa que alguns dos bancos, multinacionais e empresas de comércio exterior japonesas, mais importantes do mundo, recebem para processar em seus escritórios, os dados que chegam eletronicamente de suas subsidiárias e clientes de todo o mundo.

Em todos os países desenvolvidos, os trabalhadores da ciência já se tornaram o centro de gravidade da força de trabalho. A exportação de conhecimento, de modo que produza rendas de licenças, taxas de serviços e direitos autorais ou de patentes podem realmente criar muito mais empregos do que a exportação de bens. É o que se chama de comércio invisível. E a tendência é que se torne cada vez mais essencial, pois os países desenvolvidos estão descobrindo que sua renda proveniente do comércio exterior invisível está sendo maior do que aquela proveniente de exportações de bens.

Podemos tirar como lição que a era das Universidades científicas sobrepujará instituições que não considerem prioritário o conhecimento. O que nos leva a considerar urgente a implementação do Mercosul Educativo como forma de dinamizar a participação das Universidades no processo de criação de novas tecnologias em parceria com pequenas, médias e grandes empresas, dando a elas o poder de gerar, com ampla velocidade, grande parte do comércio exterior invisível, se for associada a um grupo de empresas. Mas, não necessariamente, diante do que nos afirma Peter Drucker em outra publicação.<sup>3</sup> "Os recursos tradicionais - mão-de-obra, terra e capital(dinheiro) - produzem retornos cada vez menores. Os maiores produtores de riqueza passaram a ser a informação e o conhecimento."

### Política industrial e estrutura ocupacional

Outra implicação da "dissociação" entre a produção industrial e o emprego industrial é o fato de que a escolha entre uma política industrial que favoreça a produção industrial e outra que favoreça o emprego industrial está se tornando uma questão política singularmente controvertida para o resto do século. Estas posições atualmente são incompatíveis.

<sup>3</sup> DRUCKER, Peter. Sociedade Pós-capitalista. São Paulo: Pioneira, 1993.

Finalmente, os baixos custos de mão-de-obra estão com fortes tendências de representarem menores vantagens no comércio internacional, simplesmente porque, nos países desenvolvidos, estão começando a responder por uma parte menor nos custos totais. A automação elimina custos ocultos, tais como despesas de baixa qualidade, refugo, e os custos da suspensão temporária de funcionamento das máquinas para se fazerem as alterações de um modelo de produto para outro e a manutenção esporádica.

Embora algumas empresas norte-americanas de semicondutores tenham custos de mão-de-obra muito baixos, porque executam o trabalho intensivo em mão-de-obra fora do país, por exemplo na África Ocidental, elas continuam a ser produtoras com alto custo e são facilmente vencidas no preço pelas empresas japonesas fortemente automatizadas. Imaginem esta situação nas economias Latino-Americanas onde o "gap" tecnológico é mais profundo ainda, e considerando as diferenças regionais no Brasil, a situação pode se tornar mais grave ainda, principalmente pelo alto custo da obtenção de investimentos produtivos. Assim, o custo de capital torna-se cada vez mais importante na competição internacional.

Nos últimos dez anos, os EUA se tornaram o país de mais alto custo - e o Japão, o de mais baixo<sup>4</sup>. Uma inversão da política norte-americana de altas taxas de juros e participação acionária de alto custo deve, pois, constituir uma prioridade para os que tomam as decisões. Isto requer que a redução do déficit governamental, e não as altas taxas de juros, tornem-se a primeira barreira contra a inflação.

Para os países desenvolvidos, especialmente os EUA, o continuado declínio dos custos de mão-de-obra como fator competitivo de importância pode significar uma mudança positiva. Para o Brasil, a Coreia do Sul ou o México, isso são más notícias; primeiro, devido à deterioração dos preços dos produtos primários; e a segunda, porque existe uma infra-estrutura de ciência e de educação totalmente fora do alcance de países pobres. Daí a necessidade de reversão dessa tendência, o que só poderá ser feito através da utilização intensiva de produtos da ciência.

### Ascendência da "Economia de Serviços"

O surgimento da "economia dos serviços" - movimentos de capital, taxas de câmbio e fluxos de crédito - como impulsionadora da economia mundial, no lugar da economia "real" - o fluxo de bens e serviços - parece estar funcionando de maneira cada vez mais independente.

O comércio mundial de bens é maior do que jamais foi visto antes. Porém, também, o é o comércio de invisíveis. Ambos atingem de 2,5 a 3,0 trilhões de dólares por ano. Tem-se notícias de que o mercado do eurodólar de Londres gira com mais de 300 bilhões a cada dia de funcionamento, ou seja, 75 trilhões de dólares por ano, volume pelo menos 25 vezes o do comércio exterior de bens. Os exemplos são múltiplos.

Na economia mundial de hoje, a economia "real" de bens e a economia "de serviços" do dinheiro, crédito e capital já não são mais estreitamente vinculadas entre si, na verdade, afastam-se uma da outra cada vez mais.

<sup>4</sup> FRIEDMAN, George & LEBARD, Meredith. EUA X Japão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Michael Porter tem uma particular observação sobre o setor de serviços nas economias nacionais<sup>3</sup>:

*"O setor de serviços vem crescendo acentuadamente como proporção nas economias nacionais de todas as nações adiantadas. Ele está começando a ser visto pelos governos como componente importante da economia. Ao mesmo tempo, a competição internacional em serviços está em crescimento. Grandes Organizações de serviços internacionais, como McDonald's e Servicemaster (Estados Unidos), Saatchi & Saatchi e Hawley Group (Reino Unido), Adia (Suíça) e Internacional Service System (Dinamarca) surgiram em números crescentes".*

As taxas de câmbio passam a ser, dentre as moedas, o fator mais importante que terão um tratamento especial na Teoria Econômica bem como na Política Empresarial como um fator de "vantagem comparativa" e de "vantagem competitiva", e da maior importância.

Se evocarmos ainda Peter Drucker<sup>4</sup>, ele nos ensina que os fatores de vantagem comparativa da economia real - custos e produtividade comparativos de mão-de-obra, custos comparativos de matéria-prima, de energia, de transporte e semelhantes - determinam as taxas de câmbio.

Praticamente todas as empresas fundamentam suas políticas nessa idéia. Cada vez mais, porém, são as taxas de câmbio que decidem de que modos os custos de mão-de-obra no país A se comparam aos custos de mão-de-obra no país B. As taxas de câmbio são um "custo comparativo" mais importante e totalmente fora do controle empresarial. Toda companhia exposta à economia internacional tem que compreender que se encontra ao mesmo tempo em dois tipos de negócios. Ela é tanto uma produtora de bens(ou fornecedora de serviços) quanto uma empresa financeira, daí ser instrumento de competitividade. E não se pode menosprezar nenhuma dessas atividades.

Especificamente, a empresa que vende para o exterior quer como exportadora, quer por meio de uma subsidiária - terá que proteger-se contra três *foreign exchange exposures*: lucros provenientes de vendas, capital de giro destinado à fabricação para mercados estrangeiros e investimentos no exterior. Isso terá que ser feito, quer a empresa espere que o valor de sua própria moeda vá subir ou cair.

Na verdade, até mesmo empresas puramente nacionais que enfrentam a competição estrangeira em seu próprio mercado interno terão que aprender a precaver-se contra a moeda em que seus principais competidores produzem.

Se as empresas brasileiras agirem desta forma, durante este período em que o real está valorizado, as maiores perdas de posição no mercado internacional poderão ser evitadas bem como acrescidos ganhos externos. Possíveis erros de gerenciamento devem ser evitados a qualquer custo.

<sup>3</sup> PORTER, Michael. A vantagem competitiva das nações. São Paulo: Campus, 1993.

<sup>4</sup> DRUCKER, Peter: op. cit. nota 3.

## Vantagem competitiva: mecanismo da globalização

As empresas, em primeiro lugar, competem no mercado mundial depois, as nações. Isto significa que no mundo dos negócios internacionais, as empresas criam seus mecanismos de competitividade e lutam para mantê-los na busca do fortalecimento de seus diversos inter-relacionamentos, indicando às políticas governamentais, o papel que as nações devem ter nesse processo.

Assim, as empresas competem com estratégias globais que contribuem para a vantagem competitiva das nações, reformulando periodicamente o papel do país sede.

O fortalecimento de cada país na economia mundial depende de um grupo de competidores que produzem mercadorias ou serviços.

A competitividade tornou-se uma das preocupações do governo e da indústria de todos os países, muito mais desta do que daquele.

Os EUA são um exemplo claro com seu crescente debate sobre o sucesso econômico aparentemente maior do que de outras nações. Mas, podemos ainda inserir o Japão e a Coréia. Os países socialistas como a ex-União Soviética e outros na Europa Oriental e Ásia. Agora, mais recentemente, o processo de globalização vem se acelerando, mas sem sombra de dúvidas os mecanismos em aperfeiçoamento visam ao aprimoramento dos processos de competição. Claro é o exemplo que o Presidente Fernando Henrique deu ao levantar a questão das cotas para alguns tipos de produtos comercializados no Mercosul. Aliás, diga-se de passagem, o Brasil acordou tarde do sono de Ouro Preto onde se discutiram os vários acordos, inclusive a questão das cotas.

Não têm sido poucas as explicações das razões pelas quais algumas nações são competitivas e outras não. Porém, na realidade, devido à freqüência das discussões, há uma clara demonstração de que o assunto não está totalmente compreendido e até mesmo aceito.

Existem correntes de pensamento que vêem a competitividade:

1. **Como um fenômeno macroeconômico, impulsionado por variáveis como taxas de câmbio, taxas de juros e déficits.** Levantamos alguns aspectos desta questão no item anterior. Mas há nações que desfrutaram de padrões de vida de ascensão rápida apesar de déficits governamentais (Japão, Itália e Coréia), de moedas em valorização (Alemanha e Suíça) e de altas taxas de juros (Itália e Coréia).
2. **Como função de mão-de-obra barata e abundante.** Também levantamos outros pontos no item anterior. Não obstante, países como a Alemanha, Suíça e Suécia prosperaram apesar de salários altos e longos períodos de escassez de mão-de-obra.

O Japão com economia supostamente construída sobre o trabalho barato e abundante também sofreu permanente escassez de mão-de-obra. Suas empresas só tiveram sucesso depois que a automação reduziu a parcela de mão-de-obra.

3. **Como dependente de recursos naturais abundantes.** Nações industrializadas e bem sucedidas como a Alemanha, Japão, Suíça, Itália e Coréia tiveram que importar a maioria de suas matérias-primas. Nações como Coréia, Reino Unido e

Alemanha, regiões pobres em recursos naturais, prosperaram em comparação com as regiões ricas. Vamos aqui novamente mencionar o Estado de Mato Grosso, em que há algum tempo se pensava que, como por mágicas, tínhamos um "Estado solução". Ledo engano de pensamento ultrapassado.

A potencialidade pura e simples não conduz à eficiência da máquina produtiva, se quem a conduz não tem o rumo certo e a eficiência para direcioná-la adequadamente às metas de desenvolvimento. E, muitos municípios e o próprio Estado pagam caro, hoje, por este erro de percurso. Imprescindível seria uma concepção mais avançada para implantar no Estado uma estrutura educacional que o tornasse independente de outras regiões, criando localmente uma estrutura capaz de explorar racionalmente as matérias-primas existentes e abundantes.

4. **Como sendo influenciada pelas políticas governamentais.** Esta opinião identifica a fixação de metas, a proteção, a promoção de exportações e os subsídios como as chaves do sucesso internacional. Porém, esse papel decisivo das políticas governamentais na competitividade não é confirmado por um exame mais amplo da experiência. O governo é, sem dúvida, um ator na competição internacional, mas raramente tem o papel principal. Há de ser planejador.

Há ainda o que se acrescentar neste aspecto dadas as características de determinadas regiões emergentes, dentre as quais se enquadram alguns Estados brasileiros, como o Mato Grosso, em que, ainda o governo tem papel preponderante na condução das políticas econômicas. Em alguns setores da economia mato-grossense, a competitividade ainda é fator extremamente incipiente, dada a fragilidade das ações empresariais, isolada ou conjuntamente, dos órgãos governamentais e de classe, que supostamente teriam a responsabilidade de dirigi-la.

Uma última e popular explicação da competitividade nacional são as diferenças de práticas administrativas, inclusive as relações entre capital e trabalho. Diferentes indústrias exigem diferentes abordagens administrativas. Também não se pode generalizar sobre as relações entre capital e trabalho, alguns consideram positiva a ação dos sindicatos, outros a consideram negativa. Estas explicações não se bastam em si mesmas.

Será "competitiva" a nação com uma grande e positiva balança comercial?. Será "competitiva" a nação com uma parcela crescente das exportações mundiais?. Será "competitiva" a nação que pode criar empregos?. Finalmente, será "competitiva" a nação cujos custos unitários do trabalho são baixos?.

A busca de uma explicação convincente, tanto para a prosperidade do país como das empresas, tem de começar pela pergunta certa.

A principal meta econômica de um país e de uma região é produzir um padrão de vida elevado e ascendente para seus cidadãos. A capacidade de conseguir isto depende da produtividade com a qual os recursos nacionais e regionais (trabalho e capital) são empregados.

A produtividade é o valor do que é produzido por uma unidade de trabalho ou de capital. Ela depende tanto da qualidade como das características dos produtos (que determinam os preços que podem obter) e da eficiência com que são produzidos.

A produtividade é o determinante principal, a longo prazo, do padrão de vida de

um país, pois é a causa fundamental do crescimento da renda nacional *per capita*.

A produtividade dos recursos humanos determina seus salários, enquanto a produtividade com que o capital é empregado determina o retorno que obtém para os seus donos. A alta produtividade não só sustenta níveis elevados de renda, como permite aos cidadãos a opção de escolher mais lazer em lugar de trabalhar mais horas. Também cria a renda nacional que é tributada para custear os serviços públicos que, por sua vez, devem ser bem redimensionados para melhorar o padrão de vida.

A capacidade de serem altamente produtivas também permite às empresas de um país atender aos rigorosos padrões sociais que melhoram o padrão de vida, como na saúde e na segurança, na igualdade de oportunidades e no impacto ambiental.

O crescimento constante da produtividade exige que a economia melhore constantemente. As empresas do país devem elevar, incessantemente, a produtividade das indústrias existentes, **melhorando a qualidade do produto**, acrescentando elementos desejáveis, **apurando a tecnologia do produto ou intensificando a eficiência da produção**.

A Alemanha vem tendo uma produtividade crescente por muitas décadas, por exemplo, porque suas empresas foram capazes de produzir cada vez mais, bens diferenciados e de introduzir níveis crescentes de automação para aumentar a produção por trabalhador.

As firmas do país também devem desenvolver a competência exigida para concorrer com segmentos da indústria cada vez mais sofisticados, onde a produtividade é geralmente maior. Ao mesmo tempo, a economia que se aperfeiçoa tem a capacidade de competir com êxito por meio de indústrias totalmente novas e sofisticadas.

Com isto, absorvem-se os recursos humanos liberados no processo de melhoria da produtividade nos setores existentes. Tudo isso deixa clara a razão pela qual o trabalho barato e uma taxa de câmbio "favorável" não são definições muito significativas de competitividade. O objetivo é manter altos salários e obter preços elevados nos mercados internacionais.

Se não houvesse competição internacional, o nível de produtividade alcançável pela economia de um país independeria, em grande parte, daquilo que ocorresse em outras nações. O comércio internacional e o investimento estrangeiro, porém, proporcionam tanto a oportunidade de elevar o nível de produtividade nacional, como ameaçam seu aumento e, até mesmo, sua manutenção.

O comércio internacional permite ao país aumentar sua produtividade, eliminando a necessidade de produzir todos os bens e serviços dentro do próprio país. Com isto a nação pode especializar-se nas indústrias e segmentos nos quais suas empresas são mais produtivas e importar os produtos e serviços em relação aos quais suas empresas são menos produtivas do que as rivais estrangeiras, aumentando dessa forma a produtividade média da economia. As importações, portanto, bem como as exportações são parte integrante do crescimento da produtividade. Conceituação básica esta que pode ser utilizada no conserto das regiões díspares de nosso país. Basta ter vontade política.

## Conclusão

A economia brasileira não pode nem deve ser vista como um bloco monolítico. As idiossincrasias regionais não permitem que a tratemos desta forma. Até mesmo algumas invenções, hoje nada originais, classificam o nosso país como um misto de convivência simultânea e não plena de sucesso, de países desenvolvidos, com subdesenvolvidos, porém poucos são os que nos enxergam como uma potência emergente viável, bastando apenas um pouco mais de bom senso e menos "esperteza" que nos classificam como não sérios no exercício de nossa cidadania.

O plano Real, apesar de estar fazendo sofrer a grande maioria de brasileiros, parece-nos ser o mais razoável dos planos concebidos até agora. Primeiro, por estar ensinando-nos de que a esperteza financeira do ganho fácil está mudando para o sacrifício verdadeiro do trabalho contínuo e duro, valorizando a casta dos sérios. Porém, isto não basta, por estarmos, dizem alguns, com 20 anos de atraso tecnológico. Se são otimistas ou pessimistas, não entramos no mérito, porém este atraso tem que ser superado, e a Pesquisa e o Desenvolvimento, aliado à Seriedade e Competência, devem fazer parte da gíria do brasileiro, imagine se de suas palavras no cotidiano...

A globalização da economia está a fornecer uma nova e ampla configuração, porque a competição agora é um fator amalgamado ao setor produtivo. Que não tenhamos a recaída da incompetência, fechando as nossas fronteiras e almejando o ultrapassado modelo de substituição de importações.

As razões aqui discutidas nos alertam e fazem-nos crer que o processo é irreversível. As nações e as regiões devem contribuir de forma ampla e verdadeira para o desenvolvimento tecnológico, pois o processo é altamente comprometedor do desenvolvimento econômico e social de qualquer espaço.

## ABSTRACT

*The analysis of the world's economy demands a special attention towards the changes that have been happening in these last few years. New tendencies have emerged and fortified themselves. Among them the most important ones were the liberalization of the economy and the process of world economy. The author gives sequence to the thoughts of Peter Drucker about these matters analysing the structural effects in Brazil and particularly in the state of Mato Grosso, given that the new facts demand behavior changes from the society e above all of the business agents. It proposes changes of attitude and adds new elements to Drucker's analysis.*

## BIBLIOGRAFIA

- 1- DRUCKER, Peter. As mudanças na economia mundial. **Política Externa**, v. 1, n. 3, dez./jan./fev. 1992/93, Paz e Terra, p.17-39
- 2- \_\_\_\_\_. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.
- 3- FRIEDMAN, George & LEBARD, Meredith. **EUA X JAPÃO**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- 4- KENNEDY, Paul. **Preparando para o século XXI**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- 5- PORTER, Michael E. **A vantagem competitiva das nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1993.
- 6- SANCHES, Ilson F. **Planification régionale et décision**. Sorbonne, França: Universidade de Paris I, 1978. Tese de Doutorado.